

# CONCERTO

OUTUBRO 2023

ISSN 1413-2052 - ANO XXIX - Nº 309



R\$ 19,90

Guia mensal de música clássica [www.concerto.com.br](http://www.concerto.com.br)

## TEMPORADA 2024

Ano sinfônico começa a ganhar forma  
com lançamento das temporadas da  
Osesp e da Filarmônica de Minas Gerais

### ENTREVISTA

Rosana Lanzelotte

### JÚLIO MEDAGLIA

Artur Hartmann

### JORGE COLI

Mário de Andrade e Bartók

### JOÃO MARCOS COELHO

Hespérides lança  
CD Aylton Escobar

### PALCO

André Mehmar  
tem duas estreias

### REPERTÓRIO

*Cinderela*, de Pauline Viardot

### ACONTECE

Maria João Pires toca no Brasil

### BRASIL MUSICAL

Palácio das Artes encena  
*Matraga*, de Rufo Herrera

### FERMATA

O piano preparado de John Cage  
por Grace Torres e Lilian Nakahodo

# Arqueologia MUSICAL

Entrevista com a pesquisadora e cravista

## Rosana Lanzelotte

Por Irineu Franco Perpetuo

O primeiro governante do Brasil era também compositor. Se a obra de d. Pedro I pode ser ouvida no CD que a Filarmônica de Minas Gerais, regida por Fabio Mechetti, lançou na série *A Música do Brasil*, do selo Naxos, sua história está sendo contada no livro *Já raiou a liberdade – d. Pedro I compositor e a música de seu tempo*, que Rosana Lanzelotte lança pela editora Capivara, com patrocínio da EMS. O texto é complementado com o álbum *O amor brasileiro*, a ser disponibilizado nas plataformas digitais. Atuante há muito tempo como cravista e pianista, não é de hoje que Lanzelotte pesquisa a música brasileira de dois séculos atrás. Seu interesse no compositor austríaco Sigismund Neukomm (1778-1858), que viveu no Brasil entre 1816 e 1821, já havia rendido outro livro: *Música secreta – minha viagem ao Brasil*.

Lanzelotte é ainda responsável pelo projeto Musica Brasilis, banco de partituras de música brasileira disponíveis na internet para download gratuito que, até o fechamento desta edição, contava com nada menos que 5.629 obras. Ambicioso, o Musica Brasilis pretende digitalizar itens fundamentais do repertório nacional, como as óperas de Carlos Gomes e partituras orquestrais de Henrique Oswald, Alberto Nepomuceno e Leopoldo Miguez.

### AGENDA

Dia 11, Palácio São Clemente (Rio de Janeiro)  
Dia 13, Auditório do Museu Carlos Gomes (Campinas)  
Dia 14, Auditório do Museu do Ipiranga (São Paulo)

### O que a levou a escrever esse livro sobre d. Pedro I?

A mesma coisa que me levou a escrever o livro sobre Neukomm. A pesquisa começa pelo músico. Eram os duzentos anos da independência do Brasil, no ano passado, e havia essa demanda da comunidade musical de poder tocar as obras de d. Pedro. Com o apoio do Instituto Camões, começamos pelo resgate das obras e, para a ocasião, tínhamos disponível tudo o que se conhece de d. Pedro. E aí, durante essas pesquisas, eu fui me interessando por facetas dele de que ninguém fala ou fala muito menos. Sabe-se que era autoritário, gostava de mulheres, comenta-se muito o caso com a marquesa de Santos, mas não se trata tanto do compositor. Muita gente não sabia que ele era compositor, e os que sabiam duvidavam da capacidade de ele ter escrito, por exemplo, o Hino da Independência. Descobri também outros lados de d. Pedro. O d. Pedro constitucionalista na medida do possível naquele momento, que outorgou ao Brasil a primeira e mais longeva Constituição – no ano que vem vamos comemorar duzentos anos dessa constituição, que vigorou por 65 anos e que foi a base para a constituição de Portugal, três anos depois, em 1827. Para a época – temos de lembrar que ainda havia monarquias, mesmo que constitucionais – era uma constituição avançada, com divisão de poderes, alguma inspiração de igualdade entre os homens... E também descobri o abolicionista. Porque, além de prezar tocar com os músicos de Santa Cruz, ele se recusava a ter a liteira carregada por escravizados.

### E como foi essa pesquisa?

Tivemos a colaboração, em Portugal, de David Cramer, pesquisador e musicólogo ligado à Universidade Nova de Lisboa, que se deslocou ao Porto e foi também aos Açores, onde descobriu a cópia manuscrita de uma missa que d. Pedro dedicou ao papa Leão XII, em 1823. Isso é outra coisa que também me fez gostar de d. Pedro. Ele usou seu talento para valorizar a nova nação brasileira. Quando o papa Leão XII é eleito, em 1823, ele logo se preocupa em dedicar-lhe uma missa – obviamente na esperança de que o Vaticano reconhecesse o Brasil como país independente. É um manuscrito copiado, não é autógrafo. E eu fui a Viena na esperança de encontrar os manuscritos que d. Leopoldina designa numa carta em que afirma que está enviando ao pai uma missa, uma sinfonia e um *Te Deum* de seu marido, cujo estilo é um pouco teatral. “Mas isso não é culpa de meu marido, e sim de seu mestre” – ela se referia a Marcos Portugal. Para os europeus setentrionais, música alegre na igreja é heresia. Rui Nery, musicólogo português e grande amigo, lembra que para os luso-brasileiros igreja era lugar de festa. Era para ir à igreja que as mulheres vestiam suas melhores roupas. Esse comentário de Leopoldina corrobora essa impressão que os europeus do Norte tinham da música ibérica para igreja, de caráter bem teatral, com bastante virtuosidade dos cantores. Por isso d. João, logo que chega ao Rio, começa a importar *castrati*, a fim de que na Capela Real houvesse aquele estilo a que estava acostumado em Lisboa. Em Viena, encontrei a carta de Leopoldina, mas as partituras não estavam. Outra pesquisa que não frutificou: Neukomm menciona em seu catálogo seis valsas de d. Pedro, que teriam sido escritas em novembro de 1816. D. Pedro já sabia que estava noivo de Leopoldina, Neukomm estava no Brasil desde maio de 1816, e diz: “Transcrições para orquestra de seis valsas escritas por Sua Alteza Real D. Pedro”. Pouco adiante, em seu catálogo, escreve: “Fantasia escrita para orquestra sobre uma valsa de Sua Alteza Real D. Pedro”. Não se encontraram os manuscritos de d. Pedro, nem os arranjos de Neukomm. A maior parte do acervo de Neukomm está na Biblioteca Nacional de Paris. Fiquei na

esperança de localizar as transcrições. O musicólogo José Maria Neves já havia feito essa pesquisa, sem sucesso.

### Isso fora do Brasil. E no Brasil?

Havia quatro manuscritos autógrafos dele no arquivo do Cabido Metropolitano do Rio de Janeiro, já digitalizados e disponíveis, então foi bastante fácil fazer as edições a partir dali. Temos uma versão orquestral do Hino da Independência, doada por Francisco Manoel da Silva ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e cuja ortografia musical é compatível com a de d. Pedro; ou seja, seria um manuscrito autógrafo. Agora, no arquivo da Lira Sanjoanense, em São João del Rei, um colaborador do Musica Brasilis, o musicólogo Robson Bessa Costa, encontrou a abertura dita “Da Independência”, que é a única peça orquestral que se conhece de d. Pedro. Foi o copista quem colocou o título. Portanto, não se tem certeza da data, e possivelmente é uma abertura que antecede a independência. Pode ser esta a “sinfonia” que d. Leopoldina teria enviado a seu pai. E também pode ser essa mesma obra que Rossini teria regido em Paris, em 1832, quando d. Pedro estava reunindo recursos materiais e humanos para combater seu irmão, d. Miguel. D. Pedro frequentava o Teatro dos Italianos, alguém o apresentou a Rossini, que lhe pediu uma obra para reger. Na época, houve críticas favoráveis e desfavoráveis. Em carta posterior de Rossini a d. Pedro II, ele conta a história e aproveita para pedir “um saco do bom café do Brasil”.

### Como aquilatar o d. Pedro I compositor?

Como diz meu amigo David Cramer, ele tinha pleno domínio da retórica musical da época. Isso fica evidente em seu *Credo*. No *Credo*, na parte do texto que fala “criador das coisas visíveis e invisíveis”, a orquestra silencia, e o coro fica quase *a cappella*, sussurrando, com uma modulação bem sugestiva. Ele usava recursos retóricos comuns na época para caracterizar momentos do texto que deveriam ser enfatizados ou reforçados. Nos hinos, tem uma escrita marcial muito convincente. Se a gente compara, por exemplo, a melodia do hino que ele escreveu, nosso Hino da Independência, com o Hino da Independência escrito por seu professor, Marcos Portugal – esse, sim, contemporâneo da Independência, enquanto todos são unânimes em afirmar que o de d. Pedro seria um pouco posterior –, o hino de d. Pedro tem uma escrita marcial em arpejos; Marcos Portugal procede por graus conjuntos – uma melodia mais gentil, de certa maneira. O espírito impetuoso de d. Pedro fica nítido também no Hino a d. João e no próprio Hino Constitucional, que foi Hino de Portugal entre 1834 e 1910. Ele estava em todas as bibliotecas que David e eu pesquisamos, foi um hino muito impresso, distribuído e de grande



importância histórica. É uma peça inspirada. O Musica Brasilis forneceu as partituras do álbum da Filarmônica de Minas Gerais para a série do selo Naxos, que dá muito bem a dimensão de d. Pedro como músico.

### Qual é o tamanho da obra de d. Pedro I como compositor?

Infelizmente não é tão numerosa quanto a gente gostaria. O que se tem para tocar? As quatro obras litúrgicas que estão no arquivo do Cabido Metropolitano; a Missa em homenagem a Leão XII, com uma obra anexa, considerada por David Cramer como sendo também de d. Pedro, que é a *Missa et adjuva nos domine*. Missa em estilo antigo, cuja estreia fizemos no ano passado, no Museu Paulista, com a soprano Marília Vargas. É uma missa *a cappella* para quatro vozes, bem diferente das outras obras de d. Pedro. Temos também quatro hinos, todos disponíveis no Musica Brasilis: o Hino a d. João, sua obra mais remota de que se conhece cópia, que está na Biblioteca Nacional de Lisboa, de 1817; depois, em 1821, ele escreve o Hino Constitucional; em 1824, possivelmente, o Hino da Independência; e, em 1832, o Hino Novo Constitucional, também conhecido como Hino a Amélia, porque ele estava na fragata Amélia. Há também a Abertura da Independência e algumas obras de câmara. Há uma marcha que teria sido escrita para instrumentos de banda, mas da qual só se conhece uma versão de câmara, que está na Biblioteca Nacional de Lisboa, para clarinete e piano a quatro mãos. Tem-se notícia de um divertimento ou *Souvenir filial*, que teria sido impresso por Pierre Laforge. Por incrível que pareça, mesmo que tenha sido impressa, até hoje não se encontrou cópia. Há uma *Marcha de Ituzaingó*, atribuição incerta. Ele a teria escrito para ser tocada quando os brasileiros vencessem os argentinos na incorporação da província Cisplatina. O Brasil foi derrotado, os argentinos se apropriaram da partitura, e essa marcha é tocada até hoje em cerimônias em que aparece o presidente da República Argentina. É um conjunto não muito grande de obras, que se explica pelo seguinte: quando Neukomm che-

ga ao Brasil, d. Pedro tem 18 anos e é quando ele começa a escrever. A primeira notícia que se tem de obras dele são as valsas de novembro de 1816. E ele tem uma vida de apenas cinco anos sem estar à frente da política. Em 1821, seu pai volta para Portugal, e ele assume a regência. A partir daí, obviamente, ele não tem tanto tempo disponível para a música. Se bem que Leopoldina afirma em carta para os parentes que compor era o que ele mais gostava de fazer. Ninguém fala também dos anos felizes do casamento com Leopoldina, os dois primeiros anos; esses foram os anos mais férteis da produção de d. Pedro, estimulado pela mulher, que era uma grande pianista.

### O que contém o disco que você está lançando agora, *O amor brasileiro*?

#### Não se trata de um relançamento de seu álbum anterior, com o mesmo nome?

É um álbum novo, de pianoforte solo. O outro tinha a participação do flautista Ricardo Kanji. Esse aqui tem duas obras de Neukomm que nunca foram registradas antes: uma dedicada a d. Pedro, *Andantino com variações*, e uma dedicada a Leopoldina, *Seis variações sobre um tema de Kozeluch*. Ainda de Neukomm, gravei *O amor brasileiro*, importante por ter sido a primeira peça de música clássica inspirada em um gênero popular brasileiro. Do mesmo compositor, a sonata para a princesa d. Maria Teresa, em versão para pianoforte solo, e três peças de d. Pedro, que são as versões para piano do Hino Constitucional e do Hino da Independência, além de uma valsa que atribuí a d. Pedro I. Localizei uma valsa num volume manuscrito de Neukomm de 25 peças para piano. Essa é a única das 25 que não traz “escrita por Neukomm” na folha de rosto nem a assinatura de Neukomm no fim. A escrita é bastante compatível com a de d. Pedro – e é em mi bemol maior, tonalidade de que ele tanto gostava. Conversei com Ricardo Bernardes sobre a possibilidade de essa peça ser a cópia de uma valsa de d. Pedro, e ele concordou comigo que pode ser, sim. Então a incluí no álbum.

Obrigado pela entrevista. w